



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 4, volume 4, article nº 3, October/December 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v4n4a3>

Accepted: 30/03/2017 Published: 30/12/2017

O LIVRO DE REGISTRO E O PARQUE: DIFERENTES EXPERIÊNCIAS VIVIDAS A PARTIR DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Marcos Clair Bovo¹

Doutor em Geografia pela UNESP, Universidade Estadual do Paraná- Campus Campo Mourão, Brasil

Fernanda Pereira Bahia²

Especialista em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná, Universidade Estadual do Paraná- Campus Campo Mourão, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta reflexões teóricas com base na Geografia Humanística, estabelecendo uma relação entre espaço e lugar. Diante disso, a pesquisa tem por intenção/objetivo identificar e caracterizar a percepção dos usuários do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo do município de Fênix-PR, percebida pelas impressões dos sujeitos deixadas no memorial do livro de registro do parque no período de 1990 a 1997. Para tanto, levantamos o seguinte questionamento, como interpretar o parque enquanto lugar, espaço e paisagem com imagens e sentimentos dos visitantes? Para responder esse questionamento, elencamos quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque; o poético, o museu arqueológico e a pesquisa que foram transcritas do livro de registro e interpretadas, levando-se em consideração às diferentes percepções sobre o parque. Os resultados indicam a presença de valores afetivos, ecológicos, históricos que são percebidos e vivenciados pelos visitantes.

Palavras-Chave: Percepção; Parque; experiências; lugar.

Resumem: Este artículo presenta reflexiones teóricas basadas en la Geografía Humanística, también se establece una relación entre espacio y lugar. La investigación tiene como objetivo identificar y caracterizar la percepción de los usuarios del Parque Estatal "Vila Rica do Espírito Santo" del municipio de Fênix-PR, percibidas a través de las impresiones de los sujetos, dejadas en las memorias del libro de registro del parque, en el período de 1990 a 1997. Para ello se levantaron los siguientes cuestionamientos ¿cómo interpretar el parque así que lugar, espacio, paisaje e imágenes? y ¿cuáles son los sentimientos de los visitantes? Para responder esos cuestionamientos seleccionamos cuatro categorías: la belleza y riqueza del parque, lo poético, lo museo arqueológico y las investigaciones que se transcribieron e interpretaron del libro de registro, considerando las diferentes percepciones

¹ Docente do Curso de graduação Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento, mcbovo69@gmail.com

² Especialista em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná- Campus de Campo Mourão. Graduada em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Faculdade Integrado de Campo Mourão, fernandapereirabahia@hotmail.com

sobre el parque. Los resultados indican la presencia de valores afectivos, ecológicos, históricos que son percibidos y evidenciados por los visitantes.

Palabras claves: Percepción; parque; experiencias; lugar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo chama atenção para questões do espaço, lugar e suas paisagens, tendo por base a linha teórica da geografia humanística, na qual buscamos situar o espaço de vida humana como *lócus* da existência, onde o homem promove a troca com os ecossistemas naturais transformando-os pelas influências históricas, socioeconômicas, sociopolítica e cultural que permeiam as pessoas ou grupos de pessoas que frequentam um determinado lugar.

Diante disso, a pesquisa tem por objetivo identificar e caracterizar a percepção dos usuários do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, no município de Fênix-PR, percebido pelas impressões dos sujeitos deixadas no memorial do livro de registro do parque no período de 1990 a 1997. Também selecionamos dois frequentadores desse período para responder um questionário referente ao parque. Os registros deixados permitem compreender o parque enquanto área pública ou área verde, possibilitando associar o reencontro do indivíduo às formas naturais de convívio com a natureza, e o quanto essa interação é significativa para sua qualidade de vida.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde ao lugar. Para Machado (1996, p.98) “as idéias de espaço e lugar não pode ser definidas uma sem a outra, embora não haja limites precisos entre espaço, paisagem e lugar e os fenômenos experimentados”. Para Relp (1979, p. 16), “lugares contém paisagens, e espaços contém lugares”. Diante disso, como compreender o que as pessoas sentem sobre o espaço, lugares e paisagem do parque? Como considerar as diferentes maneiras de experimentar o parque (sensora-motora, tátil, visual e conceitual)? Como interpretar o parque enquanto lugar, espaço e paisagem com imagens e sentimentos dos visitantes?

A paisagem do parque resulta da fusão entre os elementos naturais e os construídos com o cenário do mundo vivido. Algumas das particularidades do parque são percebidas apenas pelos funcionários, pelos pesquisadores ou ainda pelos moradores da pequena cidade de Fênix que o frequenta, não são percebidas pelos visitantes que apenas passam por ele. Podemos considerar a percepção dos funcionários, dos pesquisadores e dos moradores como uma informação de grande relevância para a pesquisa da interação entre o homem e a paisagem, pois se trata de um cenário experimentado e vivenciado, porém não podemos nos esquecer das experiências, das sensações do sentimento dos visitantes que por ali passaram.

Ao perceber as subjetividades reveladas pelo sujeito, quando se faz uso do parque, a intencionalidade é ir muito além das impressões relativas à estética e a funcionalidade dos aspectos ambientais relacionado a paisagem. Tuan (1980, p. 107), destaca que esses aspectos podem revelar “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio natural.” Dessa forma, o autor discute a categoria de lugar como variável.

Diante disso, surge o interesse de pesquisar o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, que em 17 de janeiro de 1948, foi caracterizado como reserva do Patrimônio Histórico e Florestal do Estado por meio da Lei nº 33. A reserva foi criada pelo Decreto 6125 de 16/02/1983 que recebeu o nome Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo “Rubens Augusto de Andrade”.

Para a interpretação dos textos escritos no livro de registro, elegemos quatro categorias que serão analisadas ao longo desse artigo: a beleza e a riqueza do parque; o poético, o museu arqueológico e a pesquisa que serão interpretados na ótica da geografia da percepção.

O PARQUE: UM “OLHAR” NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA PERCEPÇÃO

Na tentativa de construirmos um referencial teórico sobre o que seriam parques urbanos, percebemos uma imprecisão do seu significado, principalmente os decorrentes de sua extensão, se confundindo os parques com as praças ou ainda com jardins. Mesmo diante de todas essas divergências, a maioria dos autores relaciona com a presença das áreas verdes, servindo com o encontro com a

natureza, ou ainda, com a fuga da agitação urbana, principalmente nos grandes centros.

Os parques urbanos podem ser compreendidos com espaços com dimensões significativas, com predominância de cobertura vegetal e equipamentos destinados à recreação (KLIASS, 1993). Diante desse conceito, podemos entender a percepção ambiental, seus sentidos, dimensões e principalmente, a sua função social de proporcionar à cidade um lugar para se viver bem, tendo em vista o contato com a natureza.

Corroborando com Kliass (1993), Lima (1994, p.15) complementa a definição ao abordar os parques urbanos como: “uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”. Para o autor os espaços livres desempenham funções importantes em uma cidade, como, a estética, a social e a ecológica.

Quanto às contribuições ecológicas ou ambientais, estas são constituídas por elementos naturais que compõem esses espaços minimizando os impactos decorrentes da urbanização e da industrialização. Diante disso, Bovo e Amorim (2011) destacam que a vegetação exerce uma influência positiva para a melhoria do clima urbano, na purificação e refrigeração do ar, no abrigo a fauna e favorece o reconhecimento de novos habitats para a maior variedade de espécies animais, na manutenção das propriedades de permeabilidade, fertilidade do solo, no amortecimento de ruídos etc.

Já com relação à função estética, visa à integração entre os espaços construídos e os destinados à circulação, além da diversificação dos elementos que a compõem a paisagem urbana. Por fim, a social, refere-se à oferta de espaços destinados ao lazer da população.

Para Macedo e Sakata (2010, p. 14), a definição de parque nem sempre é clara, alguns consideram o parque qualquer espaço público de lazer ou de conservação com presença de vegetação. Para alguns autores, o parque é caracterizado pela disponibilidade de estruturas de lazer, podendo ser conceituado como:

[...] espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno (MACEDO; SAKATA, 2010, p.14).

É neste sentido que Macedo e Sakata (2010, p.13) consideram o parque urbano “um elemento típico da grande cidade moderna, estando em constante processo de modificação.”

Já os autores Carneiro, Mesquita (2000), definem os parques como espaços livres públicos que estão na malha urbana, que apresentam paisagens naturais, vegetação, topografia, elemento aquático, tendo construções próprias para atividades culturais e recreativas.

Várias são as definições de parques urbanos, cada definição tem sua especificidade, alguns autores ressaltam a importância da preservação, outros da recreação. Ao analisar percebe-se que são diferentes em suas formas, funções e conteúdo (ALBUQUERQUE 2006).

Cada parque tem seus usos e funções que são determinados pela necessidade da cidade em que foi planejado, cada um com sua peculiaridade que torna o parque um lugar acolhedor, seja para a educação ambiental, para recreação ou apenas para a contemplação da natureza.

Para Scalise (2002), os parques urbanos surgem como elementos culturais com perfis diferentes, sendo uma forma de encontrar o equilíbrio entre o processo de urbanização contemporâneo e preservação do meio ambiente exercendo diferentes usos e funções, através dos tempos.

Diante disso, o lugar onde se situam os parques configura-se como uma expressão “existencial e coletiva onde são manifestadas as vivências humanas, sintetizando, portanto, o conjunto de valores simbólicos, emocionais e biológicos do sujeito em sua interação com o meio” (ALVES, 2012, p.30). Diante disso, a fenomenologia apresenta uma continuidade imediata entre o homem e o espaço ocupado.

Assim sendo, a geografia fenomenológica, ao tratar dos lugares, leva em consideração seus significados e representações estabelecendo relações com o mundo percebido e vivido. Para Lecione (2003, p. 154),

Esta preocupação com o espaço vivido colocou no centro da análise o lugar. Isto porque é o lugar, mais que o espaço, que se relaciona à existência real e à experiência vivida. O lugar, porém, é visto pela Geografia sob influência da fenomenologia não como um lugar em si, um lugar objetivo, mas como algo que transcende sua materialidade, por ser repleto de significados. Por isso é que o lugar, concreto, único e que tem uma paisagem, não apenas natural, mas essencialmente cultural, torna-se o centro e o objeto do conhecimento geográfico.

Essa relação entre “lugar” e “espaço” simboliza as relações de vínculos de pertencimentos que são mantidas por essa categoria de construção espacial, ou seja, as sensações de *pertencimento* acabam possibilitando a conversão do “espaço” em “lugar”. Na mesma linha de pensamento Dardel (1990, p.19) destaca que:

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. “Perder a localização” é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrarem, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem.

Corroborando com Lecione (1983) e Dardel (1990), Tuan (1980), destaca que o lugar refere-se ao espaço que apresenta valor simbólico, emocional, sentimental e de memória. Diante disso, o espaço só passa a ser lugar quando adquire estas características. O espaço torna-se lugar a partir do momento em que as experiências vividas em determinados locais, passam a ter definição e significado.

Dessa forma, os lugares são constituídos a partir da experiência vivida, podendo ser visíveis ou ainda invisíveis. Tuan (1983, p. 179) destaca que a

visibilidade de certos lugares ocorre a partir dos objetos estáveis que nos chamam a atenção e por eles atribuímos significados. O sentido desses objetos pode variar de pessoa para pessoa, pois a percepção pode sofrer influência da cultura e variam de escalas.

De acordo Tuan (1980), existem diferentes formas de estabelecermos relações com lugares, entre elas encontramos a topofilia, isto é, a ligação afetiva entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico. Para o autor:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p.107).

Dessa forma, entendemos que os sentimentos topofílicos que desenvolvemos em certos lugares ou ambientes físicos serão inspirados pelas experiências que vivenciamos, dependendo do contato físico que estabelecemos com o meio. Para Tuan (1980, p.4), a compreensão dos lugares, é obtida a partir da percepção por meio dos sentidos aos estímulos externos no qual os fenômenos podem ser registrados ou bloqueados. As percepções são obtidas por meio dos órgãos dos sentidos, a visão tato, olfato, audição e paladar. Ou ainda as percepções que formamos de determinados lugares, podem ser modificadas, dependendo da classe social, das experiências, do nível cultural, a percepção que temos do lugar ou do ambiente será modificada.

Outro elemento a ser considerado se refere à familiaridade com o lugar, que pode variar de indivíduo para indivíduo, por exemplo, o nativo tem uma atitude complexa, expressando seu comportamento dentro da tradição local. Já a percepção do visitante não é influenciada pela cultural local, porém é importante para a compreensão dos lugares, pois a sua perspectiva é nova, podendo perceber méritos ou defeitos, que muitas vezes não é perceptível pelo nativo.

Assim sendo, buscamos por meio das percepções deixadas pelos visitantes, no livro de registro do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo identificar a beleza, a poesia, o museu e a pesquisa percebida e vivenciada, cada um interpretado ao seu modo, porém com diferentes olhares.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, definimos a cidade de Fênix, em específico o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo “Rubens Augusto de Andrade³.” O Município de Fênix está localizado na mesorregião Centro Ocidental Paranaense, aproximadamente a 412 Km de Curitiba, 205Km de Londrina, 92Km de Maringá e 60 Km da cidade de Campo Mourão, da qual é fortemente polarizado (MIKICH, OLIVEIRA, 2004).

Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, tem 353,86 ha, nas confluências dos rios Ivaí e Corumbataí e localiza-se nas coordenadas 23° 55' S e 51° 57' W (MIKICH; OLIVEIRA, 2004) conforme figura 1.

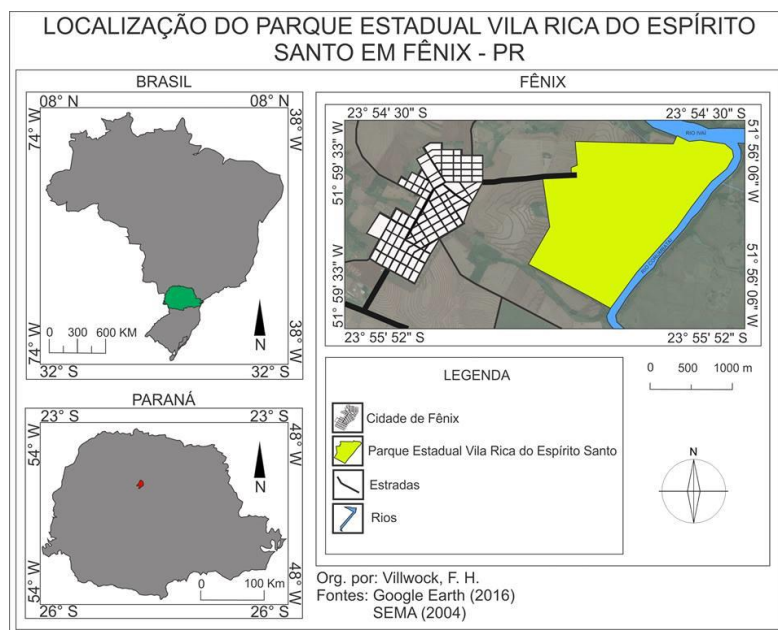


Figura 01: Localização do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo Fênix.

³ - Rubens foi um guarda florestal do Parque que morreu defendendo o local de caçadores em 1980, trabalhava na área desde 1960.

A opção de escolha do método fenomenológico surgiu a partir da análise dos livros de registros do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, neste sentido a abordagem do problema foi direcionada a levantar os diversos sentidos, ou seja, as percepções dos utilizadores (sujeito frente ao objeto (parque)) tinham-se em registrar os aspectos significativos expressos pelos usuários por meio da linguagem escrita sobre o uso e representatividade desse ambiente como espaço percebido.

Para isso, a pesquisa é composta por etapas, sendo a primeira referente à pesquisa bibliográfica em periódicos científicos, livros, tese, dissertações sobre a temática, na qual buscou-se conhecimentos referentes aos parques urbanos.

Na segunda etapa da metodologia, elegemos quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque; o poético; o museu arqueológico e a pesquisa. A partir dessas categorias, realizamos o levantamento e as transcrições mais significativas no que tange a percepção do sujeito frente ao ambiente físico/natural, social e estrutural do parque considerando os depoimentos, o nível de comprometimento frente à preservação que proporciona a melhoria da qualidade ambiental entre os anos de 1990-1997, período esse escolhido pois a partir do ano de 1997 o livro de registro contendo as memórias foi abolido.

Na terceira etapa, utilizamos a abordagem qualitativa na análise dos dados, tendo por base Minayo (1995) que destaca questões essenciais referentes à subjetividade expressas pelo sujeito frente ao espaço vivido, dentre elas: valores, impressões, sentimentos, aspirações, crenças e outros, que em todo caso não podem ser quantificadas em termo das vivências relacionadas dos sujeitos com o ambiente

Na última etapa da pesquisa, levantamos três frequentadores que visitaram o parque com o intuito de averiguar qual a percepção a respeito do parque no período visitado e qual é a percepção do parque nos dias atuais. Esses três frequentadores foram localizados por meio da *plataforma lattes do CNPQ*, na qual foi submetido um roteiro com questões para serem respondidas. Destes três selecionados apenas dois frequentadores responderam as questões, que foi um dos subsídios da construção do artigo, porém optamos por utilizar apenas um deles, por analisarmos as respostas e serem mais ricas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo em 17 de janeiro de 1948 foi caracterizado como reserva do Patrimônio Histórico e Florestal do Estado por meio da Lei nº 33 que caracterizava mais nove áreas. A reserva foi criada pelo Decreto 6125 de 16/02/1983 que recebeu o nome Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo “Rubens Augusto de Andrade”



Figura 2: Sede do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo.

Foto: os autores.

As análises a seguir discutem a percepção e compreensão do “Parque Vila Rica do Espírito Santo” em toda a sua complexidade e dinâmica. A paisagem do parque é o cenário de experiências cotidianas e de manifestações topofílicas. Para Yi-Fu Tuan (1980), existem diferentes formas de estabelecermos relações com os lugares, e uma dessas formas é a topofilia, ou seja, a ligação afetiva entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico.

Dessa forma, entendemos que os sentimentos topofílicos que adquirimos em certos lugares ou em ambientes físicos serão influenciados pelas experiências que vivenciamos, dependendo do contato físico que estabelecemos com o meio, por exemplo, os sentimentos e percepções adquiridas pelos visitantes do “Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo”.

Portanto, as análises apresentadas têm por base a abordagem qualitativa levando-se em consideração questões essenciais abordadas por Tuan (1980) e Minayo (1995) referente à subjetividade expressas pelo sujeito frente ao espaço

vivido, dentre elas: valores, impressões, sentimentos, aspirações, crenças e outros, que em todo caso não podem ser quantificadas em termo das vivências relacionadas dos sujeitos com o ambiente.

Para Tuan (1980), a compreensão dos lugares se deve a percepção, ou seja, é uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são registrados, enquanto outros são bloqueados. Diante disso, as percepções ocorrem por meio dos órgãos dos sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar.

Para a pesquisa elegemos quatro categorias a partir do livro de registro do parque: a) a beleza e a riqueza do parque; b) o poético e o sentimental; c) o museu; d) a pesquisa.

A) A BELEZA E A RIQUEZA DO PARQUE

Para Machado (1996, p. 97) “aprendemos a realidade que nos cerca por meio dos sentidos, que podem ser comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar) ou especiais, como o sentido e as formas de harmonia, de equilíbrio, de espaço e lugar”.

Dessa maneira, entendemos que acontecimentos chegam por meio dos sentidos ocupando apenas uma parte do nosso conhecimento, em contrapartida, as demais informações são obtidas por meio das pessoas, livros, meios de comunicações, por meio da escrita ou pela oralidade.

Diante disso, entendemos que a beleza e a riqueza do parque são percebidas por cada pessoa pela “refração por meio das lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagem, criando ordem e organizando espaço, tempo e causalidade, de acordo com as percepções e predileções”, (MACHADO, 1996, P.98). Assim sendo, Lowental (1982, 141), afirma que “a geografia do mundo é unificada somente pela lógica e ótica humanas, pela luz, e cor artífice, pelo arranjo decorativo e pelas idéias do bom da verdade e da beleza”.

Assim, a visitante denominada Maria Francisca (28/11/1990) deixou no livro de registro a seguinte percepção sobre o parque:

É muito bom poder usufruir de um espaço tão belo e tranquilo como este parque. Pois nele recebemos muita paz e tranquilidade. É bonito em tudo que tem. Só espero que persista por muito mais tempo. Proporciona momentos de reflexão sobre o que o homem vem fazendo com a natureza o que nos remete a um compromisso com o verde e com a fauna. Vale bastante mantê-lo vivo e aberto ao público. Agradeço em especial a Deus que proporciona tal ambiente e dos homens que aqui estão para mantê-lo.

O registro apresenta a percepção da visitante quanto espaço natural que pode produzir diferentes sensações, como a tranquilidade, a contemplação da natureza, o contato com o verde e a fauna, e o místico quando destaca o agradecimento a “Deus e aos homens”. Essa interação com o parque produz diferentes significados que pode ser observada pelo conjunto de elementos que o compõe, ou seja, os elementos naturais e os construídos, para compreendermos os significados atribuídos pela visitante. É a vegetação que ganha destaque nesse aspecto, o que atribui à originalidade do parque. Por outro lado, os significados atribuídos, interagem com a paisagem vivida pela visitante, tendo em vista as manifestações topofílicas que incluem o contato corporal, ocasionando resposta tátil, ou seja, o ar, a vegetação, tudo isso é resultado em um lugar bonito e tranquilo.

Para a professora Cleusa C. Michels (05-12-1990) e também visitante “O parque é de grande valor ecológico, pois avivam em nós, professores e alunos, o sentimento de valorização da natureza e desperta o gosto pela ecologia e cultura dos povos”.

No caso da professora ao interpretarmos o que está no livro de registro, a paisagem do parque está relacionada à sua formação, pois destacam os valores científicos como “o valor ecológico”, “a ecologia”, “cultura dos povos” e por fim o sentimento de valorização da natureza. Isto acontece por que a profissional acumula conhecimentos científicos e desenvolvem atividades práticas de conscientização em relação à paisagem vivenciada em conjunto com seus alunos em sua maioria das vezes explorando os aspectos físicos, humanos, ecológicos históricos, econômicos e paisagísticos do parque.

Já na opinião do visitante Moisés (21/02/1997), fica evidente “A beleza e a singularidade deste fragmento remanescente de uma floresta exuberante que nos embala e anima a desenvolver novos trabalhos e nos deixa extremamente gratificados por ter escolhido uma profissão tão perto dessa realidade”. O visitante destaca ainda que a participação de todos é essencial para o “desenvolvimento deste local que certamente as futuras gerações irão agradecer”.

As impressões deixadas pelo visitante nos dá a ideia de um pesquisador uma vez que apresenta no seu texto a expressão “singularidade deste fragmento remanescente de florestas” e procura descobrir a realidade investigada, tal como experimentada por ele, ou seja, desenvolver novos trabalhos relacionados à profissão escolhida. Outro elemento destacado pelo visitante do parque é a percepção da beleza vista e vivenciadas na “floresta exuberante” e a preocupação com as gerações futuras. Dessa forma, entendemos que a responsabilidade em relação ao meio ambiente do parque é atribuída as autoridades de uma forma geral, a toda a sociedade e também aos funcionários e técnicos que devem valorizá-las.

Outro fragmento de texto encontrado no livro de registro que chamou a atenção refere-se à participação da Universidade Federal do Paraná entre os dias 26 e 27 de fevereiro de 1999, a visita:

[...] serviu como reconhecimento da floresta estacional semidecidual no Paraná. Sendo um dos últimos remanescentes deste tipo de vegetação, a floresta existente no parque estabeleceu um primeiro contato dos alunos com esta formação. Foi realizado um levantamento quantitativo visando à prática do método de “ponto e quadrante” por parte dos alunos, sendo amostrados 88 indivíduos na trilha de educação ambiental. Espécies como o palmito (*Euterpe edulis*), guarita (*Astronium graveolens*), laranja-do-mato (*Citrus aurantium*), pau-d’alho (*Gallesia integrifolia*) e chincho (*Sorocea bonplandu*) foram as mais frequentes.

Levando-se em consideração a citação, podemos perceber parte da riqueza e da exuberância da vegetação existente. Esse registro nos dá a ideia da significância do valor ecológico para o grupo de estudiosos, pessoas de nível universitário, sendo a paisagem do parque percebida de modo científico e conceitual. Para esses pesquisadores, é uma paisagem não vivida, porém percebida por meio do

conhecimento científico de alguns profissionais, às vezes identificada por uma ou outra emoção mais forte, despertada pela beleza, ou grandiosidade do parque.

Por conseguinte, Machado (1996, p. 119) destaca que o “aspecto cognitivo que sobressai nesse grupo [...]” de pesquisadores [...] “embora ele seja o mais importante nas trocas funcionais do seu eu com o exterior não revela uma interação de repetida afetividade pela paisagem”. O autor ainda enfatiza a questão de “respeito pelo banco genético [...]” sendo, “um reduto da fauna e da flora do estado” como patrimônio e natureza.

Também vale destacar o parque enquanto espaço de lazer ou de turismo sem descaracterizar a paisagem, pois é alvo da atenção de quem visita, e também da valorização. A visitante Verônica (13/10/1990) deixou no livro de registro escrito o seguinte texto “estou de férias no Brasil com meu marido Piu. Me criei em Fênix e agora estou matando a saudade, e mostrando o parque para o meu marido gostei demais e vou voltar para a Holanda com o coração cheio do Brasil.”

A descrição feita por Verônica valoriza alguns aspectos topofólicos relacionados à contemplação da paisagem do parque pela visitante, pois cada um de nós enfrentamos o mundo a seu próprio modo, e contemplam as paisagens por meio de imagens particulares. Para Verônica a informação contida no texto, nos dá a ideia de sentimento pelo lugar “a saudade” o “mostrar o parque”, “o coração cheio do Brasil”, ou seja, a paisagem para ela está cheia de sentimentos do passado, pois ela viveu ali. Diante disso, ela vivenciou a paisagem do parque e aprendeu o seu conteúdo visual, subjetiva e afetivamente, o que permite a ela selecionar, explorar o conjunto de significados e significantes. Desse modo, o parque corresponde aos seus conjuntos de aspirações, anseios e necessidades, para ela o que importa são os sentimentos e saudade, como ficaram evidentes no registro deixado.

O parque enquanto lugar é percebido e vivenciado também pela visitante Harumi (20/07/1996) quando afirma “é bom conhecer um pedaço do que foi o estado do Paraná, melhor saber que existem pessoas preocupadas com a sua preservação. Temos compromisso ético com a preservação deste remanescente”.

Corroborando com o pensamento da visitante destacamos que a responsabilidade deve ser atribuída tanto pelos órgãos públicos responsáveis pela

gestão e planejamento do parque, como também pelos visitantes, pois são os apreciadores. Para que vemos hoje não seja alterado, assim para as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer da mesma forma, ou seja, preservada para tanto concordamos com o “compromisso ético com a preservação” apresentado no livro de registro.

Reforçamos a ideia de Harumi (1996), com a visitante Tarcila (12/07/1996) que destaca algo semelhante “duas coisas são forte no parque a própria natureza e a atenção dos funcionários na conscientização e esclarecimento das dúvidas. Parabéns! Ao Governo do estado á prefeitura e funcionários nossos cumprimentos pela iniciativa”.

B) O POÉTICO

O geógrafo humanista Tuan (1980, p. 56) que elaborou proposições sobre topofilia, espaço e lugar destaca que a “literatura, mais do que o levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem o mundo”.

No livro de registro do “Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo” encontramos algumas transcrições poética no qual o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados. Para Tuan (1980, p.107) “a resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar de efêmero prazer, que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada”. O geógrafo destaca ainda que “a resposta pode ser tátil: o deleite de sentir o ar, água e terra”.

Para o visitante Sérgio Luiz (S/D) “A natureza é pedaço da nossa vida, preserve-a, pois ela faz parte da nossa vida e do nosso futuro”, ele ainda escreve “Preservar a natureza é um processo lento e custoso, mas necessário para a sobrevivência da humanidade”.

Corroborando com a afirmação do visitante ela é positiva, pois significa que os aspectos ecológicos devem ser valorizados e preservados. Dessa forma ele

aprecia assim como é hoje e quer que as futuras gerações a conheçam da mesma forma, portanto, preservada.

Dando sequência na análise encontramos a seguinte transcrição no livro de registro do parque datada de 26/05/1995, porém sem identificação:

Vila Rica!
 Rica em vida verde paz e harmonia.
 Rica em esperança de uma sociedade consciente que valoriza sua herança.
 É preciso navegar para a melhoria de suas funções.
 Por isso estivemos aqui outra vez.
 Um dia haverá condições de torná-la cada vez mais rica.

Ao analisarmos essas suposições, somos levados, em primeiro lugar, a observar o parque, do ponto de vista de espaço e lugar, partindo da experiência ambiental refletidas nas ideias e concepções do visitante no qual valoriza alguns elementos a “vida verde” fazendo analogia à vegetação exuberante do parque, a “paz e harmonia” nos dá a ideia de tranquilidade de um ambiente bucólico, a “esperança” no sentimento de obter algo melhor para sociedade, para o mundo. Também podemos observar a expressão “Vila Rica”, que se refere à riqueza das espécies vegetais existentes e da avifauna rica em espécies e também da riqueza arqueológica da região que foi habitada por índios guarani.

O sentimento Topofílico também aparece no poema transcrito por Luís C. Florentino extraído do livro de registro do parque intitulado “Nada é mais belo que a natureza”. Para Tuan (1980), a topofilia não é apenas relacionada à percepção ela também deve ser vista e compreendida a partir das atitudes e dos valores em relação ao meio ambiente, levando-se em consideração os aspectos sensorial, psicológico, etnocêntrico, cultural, ecológica e afetiva. Essa valorização pode ser vistas no trecho do poema do visitante quando descreve o parque.

A natureza é perfeita
 A flora levanta e deita
 Quando viva na floresta
 O maior perfume do mundo
 As ramagens verdes de um fundo
 Se transformando em festa
 O mundo dos animais
 Astúcia dos canibais
 Ciência da natureza
 Deus deixou tudo perfeito
 O homem não satisfeito

Profana essa beleza [...]

Nessa descrição o visitante, representa a “natureza perfeita”, ou seja, uma imagem criada para favorecer a promoção do parque enquanto lugar. Entretanto, o fragmento do poema apresenta elementos tanto sensorial como visual “a flora levanta e deita” o “perfume do mundo” “as ramagens” é algo misterioso que é somente percebido e sentido pelo visitante no contato com o parque essa representação do homem com o meio ambiente é uma relação imagética.

O parque é concebido pelo visitante como algo sagrado “Deus deixou tudo perfeito”, para Tuan (1989, p.168) “os lugares sagrados são locais de hierofania. A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquire caráter sagrado onde quer que seja identificado como alguma forma de manifestação divina”, neste caso o parque, é interpretado pelo visitante neste sentido. Assim, Tuan (1980, p.164) destaca que “a arte constrói imagens do sentimento, tornado acessível à contemplação e meditação”, como é o caso desse fragmento de poema.

No fragmento do poema escrito pelo visitante Luís C. Florentino do Parque Vila Rica do Espírito Santo, ele expressa a não valorização de alguns elementos pelo homem, dentre eles a “natureza”, a “fauna e a flora”, como pode ser observado a seguir:

Quem não ama a natureza
É porque não sabe a beleza
Que o nosso mundo tem
O sol, estrelas e lua e outros que ali atuam
No espaço e no além
Na terra, a fauna e a flora
Que o homem ignora
Com tanta poluição [...].

Nesse fragmento do poema, o visitante do parque expressa por meio do sentimento à preocupação com o parque, ou seja, com a sua fauna e flora. Isto envolve uma atitude de responsabilidade em relação ao parque, devendo ser atribuída a toda a sociedade, é especialmente aos moradores de Fênix que usufruem constantemente, aos funcionários, aos pesquisadores, e as autoridades que são responsáveis pela gestão e manutenção dessa área verde. Para Tuan

(1980, p. 4) as atitudes representam “[...] uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo”.

Já na última parte do poema, o visitante volta a estabelecer uma relação com o sagrado, como podemos observar.

[...] O homem leva pro nada
Esta relíquia sagrada.
Que enriquece a nação.

Assim sendo, os valores, os sentimentos, as atitudes, a valorização e a percepção ficaram transcritas no livro de registro do parque, durante, a sua visita, são sensações descritas por meio de poema que reflete o sentimento e a percepção do lugar.

O poema do visitante vem de encontro com as ideias de Tuan (1980, p.130) quando o autor destaca que “as pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro, nenhum meio ambiente falta poder para inserir a devoção, pelo menos de algumas pessoas”

Toda essa sintonia entre o visitante Luís C. Florentino e a paisagem do parque por meio das suas sensações e percepção ambiental o levam a refletir sobre os problemas futuros.

É grande a transformação
Da nossa respiração
Com o ar tão poluído
Mudando as trajetórias
Das vias respiratórias
Deixando o povo oprimido [...]

Corroborando com o pensamento do visitante Florentino, Anne Spin (1995, p. 55) destaca que:

Num dia claro, o céu-azul em cima torna-se cinza-chumbo em torno da cidade; no verão, a linha do horizonte tremula com o calor. Esta imagem é um lugar comum, nada merecedor das manchetes de jornais, mas o seu impacto no ambiente é permanente e mortal. Os muitos idosos, os muitos jovens e aqueles com doenças cardíacas e pulmonares sofrem mais intensamente com o calor e a poeira das

idades, mas com o passar dos anos, a poeira e o desconforto fazem seus estragos nas pessoas saudáveis também. O impacto da poluição do ar em crianças é mais indeciso e duradouro.

Os fragmentos dos textos referem-se a cidades contemporâneas onde há exagerado consumo e desperdício de energia, e matéria prima, produzindo-se grandes quantidades de lixo e poluição do ar. Toda essa mudança no ecossistema produz repercussões no ambiente urbano. Para Spin (1995, p. 12) “a complexidade do ecossistema urbano desafia a compreensão, mas os perigos da não compreensão são assustadores. Muitos desses riscos, já são evidentes” e na maioria das vezes “ameaçam a saúde e a reprodução, aumento dos riscos e da vulnerabilidade de seus danos, diminuição de recursos e aumento dos custos”.

Tudo isso acaba prejudicando a qualidade de vida como é destacada pelo visitante quando utilizam as expressões “ar poluído”, “vias respiratórias”, “povo oprimido” todo esse fenômeno no espaço e no lugar são experienciados de forma negativas, pois aprendemos a realidade que nos cerca por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar).

Assim sendo, no próximo fragmento do poema Luís C. Florentino encontrado no livro de registro faz analogia ao mundo moderno quando destaca:

Nossa tecnologia
Que avança a cada dia
Buscando um mundo moderno
E o máximo de invenção
E ao toque de um botão
O planeta vira um inferno
Planeta Terra [...]

Nesse Fragmento, percebemos a inquietação/preocupação com a tecnologia tendo em vista o discurso dominante do poderio político e econômico mundial, o visitante destaca a tecnologia, porém, essa pode ser benéfica ou muitas vezes maléfica, tudo isso depende do homem, da forma que o mesmo a utiliza ou para salvar o planeta ou conforme afirma Florentino “o planeta vira um inferno” caso o homem use a tecnologia de forma inadequada.

Finalizando a transcrição de seu texto no livro de registro o visitante deixa uma mensagem para a sociedade, apresento o real significado do nosso planeta.

Assim é o nosso mundo
Vivendo em comunidade
São coisas que a natureza
Não explica a humanidade
Os segredos dos mistérios
Deste mundo de bondade
Onde um odeia o outro
E o outro ama de verdade.

É neste sentido que a afetividade, a responsabilidade proteção, a atitude entre os homens poderão contribuir para um mundo melhor para as gerações presentes e futuras.

C) O MUSEU ARQUEOLÓGICO

No Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo foi implantada em 1990 o Museu Arqueológico. Nele existe materiais arqueológicos recuperados das ruínas da área urbana de Villa Rica de Espiritu Santo (Nome da antiga Cidade em ruínas que se tem no parque).

Para a arqueóloga Claudia Inês Parellada (2009, p. 11):

O Museu do Parque Estadual constituiu uma excelente forma de aproximação da comunidade com o patrimônio natural, histórico e arqueológico da região. Pois nele estão condensadas informações básicas sobre a ocupação histórica da região, enfocando principalmente a cidade colonial espanhola de Villa Rica de Espiritu Santo, além de dados sobre o meio-ambiente. Certamente muitas pessoas coletaram objetos das ruínas, os quais atualmente se encontram espalhados em todo o Estado do Paraná, e até em outros locais do Brasil e exterior.

Será que os aspectos históricos do parque devem ser preservados? Esses aspectos são valorizados ao ponto de assegurar a manutenção de parte da sua história? Qual é a percepção dos visitantes e dos pesquisadores relacionados ao

museu arqueológico? Com o intuito de buscar respostas para esses questionamentos e também levando em consideração o conceito de preservação que envolve atitudes em relação aos sujeitos e objeto, visando à conservação dos mesmos que encontramos relatos de pesquisadores e contempladores em relação ao parque tanto no que se diz respeito a sua conservação ou simplesmente relatos descritivos no livro de registro do parque.

Para o grupo de pesquisadores Claudia Inês Parellada, Amilton César Almeida e Locco e Tayne Graciela Garcia Colla, a visita a campo realizada entre os dias 12 e 19 de julho de 1990 foram significativas tendo em vista que:

[...] continuou-se o levantamento topográfico das ruínas de Villa Rica del Espíritu Santo, que foi iniciada em julho de 1986 pela seção de arqueologia do Museu Paranaense [...]. Essas pesquisas também “ajudaram a acelerar mais o entendimento e a estrutura urbana desta antiga cidade espanhola” [...]. Segundo os pesquisadores esse material coletado vai ser utilizada para a exposição permanente no museu do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo”.

A percepção dos pesquisadores em relação ao objeto de investigação e as descrições levantadas complementando os estudos já realizados pelo Museu de Arqueologia do Paraná mostram além da apreciação visual a curiosidade científica e um conhecimento conceitual sobre a arqueologia, mas de forma nitidamente exterior, sem que os respectivos sujeitos aprofundassem neles, com raras exceções. Esse fato ocorre porque não existe uma relação com a paisagem vivida, ou seja, os pesquisadores interpretam e analisam de acordo com o conhecimento científico, ao passo que um visitante ou um morador de Fênix estabelece relações topofólicas tendo em visão contato com o lugar, com a vegetação, solo, ar e outros elementos que estabelece laços afetivos ou pela sensibilização ao meio.

Na sequência, apresentamos outra transcrição realizada pela pesquisadora Claudia Inês Parellada do Museu Paranaense realizada no dia 31/ 07 a 07/08/ de 1993:

Foi feita uma limpeza e colagem, bem como a pintura das vitrines do museu. Além disso, foi filmado o áudio – visual em vídeo cassete. Ainda foi realizada a vistorias nas trilhas e limite do parque para observação se havia aflorado algum vestígio arqueológico. Também

foram medidas e marcadas mais seis casas dentro da área urbana de Villa Rica Del Espiritu Santo, bem como o enterramento de 1 lontra e uma paca dentro do Parque. Foi levada para Curitiba para identificação uma cobra e umas 15 aranhas.

As descrições e observações realizadas pela pesquisadora são apresentadas de forma pertinente, pois trata de significados atribuídos com intuito de descobrir a realidade investigada, tal como é experimentada pelo sujeito, por exemplo, quando deixa evidente na sua transcrição “vistorias nas trilhas”, “vestígios arqueológicos”, “casas” e a identificação de uma cobra e aranhas. Parellada (1993) procura resgatar, de modo tão preciso quanto possível, o que ocorre com ela ao viver as experiências e buscar compreender e recompor o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo com base na apreensão direta, ou no aprendizado ou na memória.

O período de vivência no parque pela pesquisadora indica também alguns elementos topofóricos que são adquiridos e transmitidos de maneira direta e indireta por meio das pessoas que mantêm contatos com a pesquisadora, como pode ser observado na seguinte transcrição:

Deve ser comentado ainda que nos hospedaram no fantástico alojamento do Parque. Agradecemos imensamente a atenção e a amizade de todos os funcionários do Parque; nosso trabalho sem a colaboração de todos eles seria realmente impossível. Esperamos retornarmos em breve.

É neste contexto, que a pesquisadora começa se integrar ao parque as atitudes em relação ao meio, a valorização, a afetividade começam a ficar evidente em suas transcrições, por exemplo, quando cita “fantástico alojamento”, “atenção e a amizade”, são elementos percebidos e concebidos a partir das experiências vivenciadas.

As transcrições a seguir mostram os trabalhos desenvolvidos pela arqueóloga Parellada (1994) do Museu Paranaense em conjunto com a técnica do setor de etnologia Janete dos Santos Gomes entre os dias 18 e 19 de novembro de 1994, visando resgatar a memória área de Villa Rica Del Espiritu Santo, por meio da representação.

Foi refeita a maquete representando a área urbana de Villa Rica Del Espiritu Santo, usando dessa vez gesso e madeirite. As vitrines com problemas foram recoladas, e os painéis com os conteúdos descolando foram também arrumados. Ainda fizemos mais 6 entrevistas com a população de Fênix visando o resgate do imaginário dela, em relação ao patrimônio cultural e arqueológico.

A percepção tanto da arqueóloga quanto da técnica em etnologia, foi primordial quanto à representação espacial da área urbana da Villa Rica Del Espiritu Santo bem como da reestruturação e reorganização dos elementos do museu. Outro elemento importante foi as entrevistas realizadas visando compreender os imaginários dos moradores de Fênix relacionadas ao lugar pesquisado.

Visando a disseminação e a riqueza do patrimônio arqueológico a pesquisadora deixou anotado no livro de registro que entre os dias 18 e 19 de novembro de 1984 foi realizada uma palestra referente ao Patrimônio arqueológico do Parque Vila Rico do Espírito Santo”. “A palestra foi proferida pela prefeitura municipal de Campo Mourão e no SENAC-PR. Foram fotografados o interior da exposição do museu do Parque, quanto a parte externa do prédio”.

Ao proporcionar o relato e a visualização sobre o patrimônio arqueológico, a pesquisadora denota a responsabilidade em termos de sua proteção, preservação, conservação, responsabilidade e atitudes para a manutenção das riquezas ali encontradas para as gerações presentes e futuras.

Coerentemente com os resultados do trabalho desenvolvido pela arqueóloga, apesar das diferenças entre a vivência dos moradores e da visão científica da profissional alguns moradores de Fênix resolveram contribuir com os materiais arqueológicos que haviam encontrados. Nesse sentido, percebemos algumas atitudes relacionadas principalmente à valorização histórica daquele lugar, conforme a transcrição realizada entre os dias 11 e 13 de março de 1997, por Parellada:

Recebemos a doação de 274 materiais arqueológicos e 2 fósseis do Sr. Paulo Graf, morador da fazenda Arapuã, localidade de Bela Vista do Ivaí, município de Fênix. Além disso, realizou-se entrevista com aquele colecionador levantando uma série de dados sobre a ocorrência de sítios arqueológicos no médio vale do rio Ivaí.

Parte do material doado pelo Sr. Paulo Graf foi incorporado à exposição do museu do Parque Estadual Vila Rica. Todas as peças recebidas foram higienizadas, numeradas e indexadas em fichas de registro de coleções do acervo do museu do parque.

Diante da significância dos materiais e dos fósseis doados para o museu, podemos destacar que os lugares e esses símbolos possuem um profundo significado, tanto para o Sr. Paulo Graf por ter recolhido e depois ter tido a atitude de doar para o museu, quanto a valorização científica da pesquisadora na tentativa de entender e decodificar o conteúdo simbólico e organizar cada artefatos encontrados na Villa Rica Del Espiritu Santo (Nome da antiga Cidade em ruínas que se tem no parque).

Com o objetivo de validar as informações do museu e deixar de uma forma didática para os visitantes a pesquisadora do Museu Paranaense realizou atividades entre os dias 30/10 à 02/11 de 1999 visando a proteção, conservação e manutenção do acervo, conforme pode ser observado na transcrição a seguir:

Foi revitalizada a exposição do museu do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, sendo que alguns painéis foram modificados acrescentando-se ou trocando fotografias e etiquetas. Também as vitrines foram higienizadas e as etiquetas modificadas, buscando uma melhor visualização do material exposto.

Essa transcrição refere-se a porção do espaço do museu quando é vista pelo observador, possível de ser identificada, compreendida pelos olhos dos diferentes indivíduos, por meio dos artefatos, das etiquetas e das fotografias ali presentes.

Outro elemento de destaque no livro de registro se refere à projeção do parque para outros estados, tendo em vista intencionalidade da pesquisadora em divulgar as riquezas arqueológicas ali encontradas quando escreve “Ainda foram emprestados 6 carimbos cerâmicos da coleção Paulo Graf, que devem ser expostos (dois deles apenas) na exposição Brasil 500 anos no Parque Anhembi em São Paulo, no ano que vem”.

Assim sendo, aparece outro fragmento de texto no qual os elementos topofólicos estão presentes quando a pesquisadora atribui significado e importância ao lugar tanto de caráter prático e objetivo quanto no sentido da subjetividade, emoções e sentimentos. Esses sentimentos só são possíveis devido à vivência com o parque e com os funcionários que ali trabalham.

[...] Permanecem alojados no ótimo alojamento do Parque. É sempre fantástico retornar ao parque!!!

Gostaríamos de agradecer a amizade atenção e companheirismo de todos os funcionários do Parque em especial o gerente João, France, ao Jair, ao Lourival e ao José, bem como a Regina. Agradecemos a colaboração do pessoal da delegacia do município de Fênix na impressão de parte das etiquetas da exposição

Dessa forma, as palavras, “ótimo”, “amizade”, “fantástico” “companheirismo” são elementos sentidos e percebidos a partir do olhar e da percepção da pesquisadora, a das sensações de afinidade para com o ambiente é nesta relação que definem a aproximação e a proximidade da pesquisadora com os seus espaços de vivência.

D) A PESQUISA

Neste item, buscamos trabalhar outras transcrições de pesquisadores que vivenciaram e ainda vivenciam o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, para tanto, localizamos três desses pesquisadores via plataforma *lattes* do CNPQ do qual enviamos um roteiro de questões que foram respondidas por dois deles e que serão apresentadas ao longo desse item.

A análise a seguir leva em consideração as pesquisas desenvolvidas pela pesquisadora Sandra Bos Mikich, cujos trabalhos tiveram início entre os dias 21 a 24 de janeiro de 1990 sendo estes constituídos de várias fases, com muita dedicação. Em virtude da riqueza de detalhes da pesquisadora, selecionamos apenas algumas transcrições que farão parte deste texto.

Vale destacar que pela ótica da geografia da percepção o parque “mais que espaço do que lugar, justamente por atuar sobre ele mais conceitual do que intimamente, construindo uma realidade que é a criação de objetividade científica e pensamento, estruturada pela inteligência”. Ou seja, “percebem por meio de filtros científicos e profissionais, nem sempre carregados de afetividade”, (MACHADO, 1996, P. 108).

A pesquisadora Sandra Bos Mikich relata uma das primeiras visitas:

Esta visita constitui a 1ª fase de campo do projeto de pesquisa Aspectos de frugivoria, dispersão de sementes e utilização de habitat nas espécies de tucanos do Parque Vila Rica. Nesta fase foram marcadas o fitas plásticas coloridas 114 espécimes vegetais de diversas espécies com frutos adaptados ao consumo por aves. Das 3 espécies de tucanos que ocorrem no parque (*Pteroglossus ararari*, *Baillonius bailloni* e *Selenidera maculirostris*). Somente a segunda não foi avistada.

Todas as trilhas e estradas internas foram percorridas bem como os limites do parque. Algumas trilhas necessitam uma pequena limpeza, mas o Parque de uma maneira geral encontra-se bem conservado.

Os conteúdos das descrições evidenciam como é possível conhecer o parque enquanto lugar e a sua paisagem tanto nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos, como científico e conceitual. As experiências da pesquisadora Mikich possibilitam imaginar a realidade, utilizando desde os sentidos direto até a percepção visual ao identificar a riqueza em espécimes vegetais adaptadas as consumo das aves, em específico os tucanos. Ainda pontua pela sua percepção que o parque em geral continua bem conservado.

Dando continuidade na pesquisa, a bióloga retorna ao parque entre os dias 21 a 24 de fevereiro de 1990, na qual finaliza a segunda fase do projeto, deixando evidente a partir da sua percepção “[...] conto agora com 170 árvores marcadas e um grande número de registros para 2 das 3 *app.* de tucanos ocorrentes no Parque (*Pteroglossus ararari* e *Selenidera maculirostris*). A reabertura de duas trilhas ajudou no trabalho[...]. Todas as árvores marcadas na 1ª fase foram examinadas”. A bióloga ainda procura substituir as marcações danificadas ou ausentes sendo substituídas.

A intencionalidade da ação da pesquisadora resulta em um diálogo entre ela e o meio natural. Para Santos (2002 p. 91), “a intencionalidade seria uma espécie de corredor entre o sujeito e o objeto.” Assim, é nesta relação que [...] sujeito e objeto criam-se mutuamente, eles se substancializam um a custa do outro na ‘empiricidade’, onde, sob a ação da forma, revelam-se no evento.

Entre os dias 07 a 10 de dezembro de 1990, a bióloga Sandra Bos Mikich da UFPR já na décima fase após árduos trabalhos de levantamento das espécies da fauna e da flora que teve início no mês de fevereiro, deixa a seguinte transcrição no livro de registro.

Última fase material botânico da maioria das plantas marcadas foi coletada 90 concluída com 276 espécimes de árvores marcadas e aproximadamente 250 registros de tucanos. No próximo ano a coleta de dados irá continuar, complementando o trabalho. Serão incluídos novos procedimentos.

A pesquisadora ao terminar a décima etapa de pesquisa deixa evidente a percepção da riqueza em espécimes vegetais e dos tucanos que foram registrados. Diante disso, entendemos que a profissional acumula conhecimentos científicos que são percebidos e identificados a partir de suas experiências e vivências no ambiente. Porém, ela registrou algumas preocupações relacionados ao uso do parque, conforme texto a seguir:

É bom o parque finalmente recebendo certa atenção por parte do público agora com o museu inaugurado, mas seguro maior vigilância, pois os danos com o aumento dos visitantes começam a surgir. Visitação deve ser acompanhada de orientação e controle, do contrário em alguns anos não haverá o que visitar.

Após meses de pesquisa no Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, a pesquisadora deixa evidente a preocupação em proteger e preservar, pois as consequências serão inevitáveis se não tiverem cuidados adequados para com o parque, procurando manter o equilíbrio nessa paisagem.

Entre os dias 05 e 09 de junho de 1993, os pesquisadores Sandra Bos Mikich e Washington de Carvalho Junior iniciam a primeira fase de um novo projeto

intitulado “Estudo da utilização de habitats por frugívoros especialistas como base para o manejo de pequenas áreas. Continuação do meu projeto de tese com os tucanos transcorreu normalmente”, conforme afirma Mikich (1993). “As trilhas e algumas plantas foram remarcadas e redes foram armadas para a captura de algumas espécies”. Todo esse inventário dessa área protegida torna-se indispensável para análise ambiental destinada à proteção e à conservação de espécies ali existentes.

No decorrer desse projeto, os pesquisadores deixaram também outras percepções no livro de registros ao referir-se ao ambiente do parque estabelecendo relações com os acontecimentos que nos chegam diretamente, por meio dos sentidos, sendo estes vivenciados pela visão, audição, tato, olfato por meio das experiências vivenciadas. Vejamos as transcrições: “O tempo extremamente frio atrapalhou as capturas, mas foram feitos alguns registros interessantes” (30/07 a 03/08/1993). Já no mês seguinte “O bom tempo permitiu um grande número de capturas, entre elas 2 *Selenidera maculirostris* e 3 *Pipra fasciicauda* que foram marcadas com anilhas plásticas coloridas. Uma das fêmeas de *Selenidera maculirostris* já foi observada em campo” (03 a 07/09/1993). “Porém, entre os dias 01 a 05/11/1993 os pesquisadores afirmam “Boa fase de campo, apesar do calor excessivo”. Os pesquisadores destacam ainda que “O mau tempo prejudicou as capturas e os contatos visuais com os tucanos, bem como as coletas de fezes entre 02 a 07/06/ 1994.

Ao observarmos as transcrições anteriores, percebemos a precisão dos pesquisadores em deixar no livro de registro, além das espécies da flora e da fauna do parque, mas também a percepção do ambiente relacionada às condições do tempo, ou seja, as intempéries. Assim sendo, os pesquisadores utilizam as seguintes expressões, “extremamente frio”, “bom tempo”, “calor excessivo” e “mau tempo”, todas essas sensações são percebidas no cotidiano que é influenciado pelo clima/tempo, e que este é sentido de forma diferenciada por cada indivíduo. Nesse sentido, com base na sensação de frio ou calor, por exemplo, que estes podem ser sentido mais por algumas pessoas e menos em outras. Todas essas “relações do indivíduo com o meio são possíveis por meio dos seus sentidos e pela forma como se relaciona com o meio. Dessa forma, “[...] o visível é o que se apreende com os

olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 28).

Os pesquisadores Sandra BosMikich e Washington de Carvalho Junior, entre os dias 04 e 08 de novembro de 1994, chegaram 48ª fase de pesquisa sendo esta concluída normalmente com baixo número de capturas, porém destacam que esta fase “Foram importantes, porque além de dois *Selenidera maculirostris* incluiu um *Bailloni* *bailloni*, tucano já muito raro no Parque”. Também levantaram novas áreas do parque para serem investigadas em “busca de novas espécies de plantas bem como de um maior número de contatos com os tucanos”. Os pesquisadores também destacam que nesta fase “teve início a análise da densidade populacional de *Penelopes eperciliaris* (jacu) para complementar os dados sobre o comportamento e a dieta desta espécie que vem sendo coletados desde 1990”.

Durante todos os projetos desenvolvidos pelos pesquisadores, a 60ª fase registrada no livro apresenta uma situação não muito comum vivenciada pelos pesquisadores Mikich e Carvalho Junior (1995).

[...] marcada pela grave situação em que o Parque de encontrava se encontra a forte tempestade 20.10.95. A população de várias espécies de árvores consideravelmente e algumas nem foram encontradas na área. A disponibilidade de frutos é nula e, se nenhuma providência for tomada, várias espécies deveram desaparecer da área nos próximos meses.

Nesta transcrição é perceptível a preocupação dos pesquisadores tendo em vista o caráter científico e também enquanto ambiente percebido e vivido, pois há alguns anos vem estabelecendo certa relação com o parque e com as pessoas que ali trabalham. Diante disso, evidenciam-se, então, uma complexa relação de pertencimento com o local, pertencimento este adquirido pelas experiências, pela afetividade com o meio, porém apresenta preocupações com a degradação ambiental ocasionadas com a tempestade.

Assim sendo, os pesquisadores entre os dias 13 a 16 de janeiro de 1996 na 62ª fase, por meio de pesquisa enfatiza:

Confirmada a queda da população local de várias espécies animais causadas pela tempestade de 20.10.95 a disponibilidade de frutos ainda é deficiente na área, mas deverá “regularizar-se” nos próximos meses, com o início da frutificação do palmito. Parabenzamos o IAP e, principalmente os funcionários do Parque, pelo esforço que tem feito no sentido de manter um suprimento alimentar artificial nesse período a dificuldade para a fauna.

Diante da vivência e da experiência adquirida em relação à percepção dos pesquisadores, percebemos certa afetividade com relação às aspectos valorativos, que mesmo sem ter intencionalidade enquanto pesquisadores, acabaram adquirindo um certo valor afetivo para com o parque.

Entre os dias 13 a 18 de setembro de 1996, já fase 65ª Sandra Bos Mikich; Suzy Wangler estagiária estudante da PUC, Juliana Quadros bióloga e mestranda UFPR deixam o seguinte comentário no livro de registros referente ao “projeto dos ninhos”:

[...] na fase anterior foram confeccionados 280 ninhos pelo projeto financiado pelo IAP, que vise aferir a predação de ovos e a potencial efeito dos predadores sobre a comunidade de aves do Parque. Neste mês os ninhos foram instalados pela primeira vez, verificando-se uma taxa global de predação de aproximadamente de 65%. Algumas áreas do Parque apresentaram maiores taxas o que parece guardar relação com a presença de outros itens alimentares no local (amora, p.ex.). O projeto será continuado até fevereiro de 1997 quando uma análise mais profunda dos resultados será possível.

Diante disso, percebemos as experiências, a percepção e a objetividade das pesquisadoras em relação à preservação e manutenção daquele ecossistema. Assim sendo, Tuan (1983, p. 09), destaca que a “[...] experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Nesse sentido, são as diferentes experiências que definirão o grau de interação do indivíduo com os fenômenos naturais.

Este item apresentou a objetividade da pesquisadora Sandra Bos Mikich pela dedicação, pelas pesquisas científicas, pela liderança das equipes, pelas transcrições que foram feitas com esmero “letras desenhadas” no livro de registro,

que hoje se encontra amarelado pelo tempo, porém de uma riqueza de detalhes incontestável, a partir dessa reflexão vamos apresentar um pouco sobre pesquisadora Sandra Bos Mikich.

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), mestrado em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná (1994), doutorado em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná (2001) e pós-doutorado pela University of Oxford (2014). Atualmente é pesquisadora em Ecologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Florestas), professora-orientadora da UNESP (Mestrado e Doutorado) e pesquisadora-associada do Departamento de Zoologia da University of Oxford. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em frugivoria e dispersão de sementes, conservação e restauração de ambientes florestais, manejo e conservação da fauna, aves e mamíferos florestais, ecologia química.

Após essa breve apresentação sobre a trajetória acadêmica da pesquisada, realizamos uma entrevista com a mesma constituída de cinco questões, para detectarmos as impressões que a pesquisadora tem nos dias atuais sobre o parque, vejamos:

a) Durante o início da sua trajetória enquanto pesquisadora constatou-se no livro de registro do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo na cidade de Fênix vários registros das suas atividades desenvolvidas a partir de 1989. Quais foram os fatores que levam a escolha desse parque?

“Na verdade iniciei os trabalhos lá em 1990, embora tenha feito uma visita em 1989. Estava buscando uma área no Paraná para estudar tucanos e o ornitólogo Pedro Scherer Neto, que trabalhava no parque, me indicou essa área por abrigar três espécies em uma área pequena” (MIKICH, 25/08/2016).

b) Qual foi a sua percepção a respeito do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo quanto você teve o primeiro contato com o parque? O que mais impressionou? Comente.

“Fiquei encantada com o grau de conservação daquela floresta em meio a uma matriz tão degradada. A frequente visualização de animais, notadamente mamíferos, foi outro fator que me impressionou” (MIKICH, 25/08/2016).

c) Durante as várias fases da sua pesquisa conforme consta no livro de registro o que mais estimulava a continuar estudo nessa área. Porque naquele momento você teve tanto zelo em deixar registradas todas as fases da sua pesquisa?

“Entendo que esses registros são importantes para o gerenciamento das unidades de conservação e a preocupação com esse tema me levou, inclusive, a coordenar a revisão do Plano de Manejo dessa UC” (MIKICH, 25/08/2016).

d) As suas pesquisas foram constituídas de várias fases, você lembra qual chamou mais a sua atenção. Comente.

“Todas foram especiais, mas a que deixou mais contribuições diretas foi justamente a revisão do Plano de Manejo do PEVR, pois tive oportunidade de agregar vários outros profissionais e temas ao trabalho e ficamos muito satisfeitos com a qualidade do produto final” (MIKICH, 25/08/2016).

e) Ao longo da sua trajetória enquanto pesquisadora você retornou a Parque Estadual Espírito Santo? Sim ou Não. Por quê?

“Sim, tive vários projetos lá até 2007 e ainda tenho projetos em andamento derivados da pesquisa no PEVR, como a pesquisa com óleos essenciais e morcegos aplicados à restauração de ambientes florestais. Estive lá pela última vez esse ano, aliás,” (MIKICH, 25/08/2016).

f) Qual o seu imaginário sobre o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo nos dias de hoje?

Continua sendo uma das mais importantes Ucs da Floresta Estacional Semidecidual e possui uma história ímpar que precisa ser melhor investigada do ponto de vista antropológico e biológico. “É um refúgio fundamental para a fauna da região, abrigando diversas espécies ameaçadas de extinção, e um local fantástico para atividades de educação ambiental” (MIKICH, 25/08/2016).

Nas transcrições apresentadas, podemos observar uma clara tentativa no sentido de definir os elementos do espaço pesquisado enquanto lugar por meio da cientificidade, porém em certos momentos é possível detectar à medida que os anos foram passando certo “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p.05). Diante disso a pesquisadora Sandra Bos Mikich em sua

entrevista deixa explícita alguns elementos da percepção quando destaca as expressões “fiquei encantada”, “todas foram especiais”, “local fantástico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base as transcrições no livro de registro, o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo e fundamentado na perspectiva de Tuan (1980), acerca das experiências vivenciadas no parque enquanto lugares percebidos e vividos pelos frequentadores foram analisados alguns elementos nos quais denominamos em quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque; o poético, o museu arqueológico e a pesquisa.

Com relação aos visitantes, estes são capazes de identificar os méritos e os problemas do parque, ao passo que o morador de Fênix que visita constantemente esse lugar e por ter certa afetividade não consegue perceber alguns elementos que foram observados pelos visitantes.

Diante disso, consideramos que as transcrições apresentadas referentes à beleza e riqueza do parque conduzem a uma situação de interesse pelo espaço percebido pelo visitante, pois a beleza sempre nos “salta os olhos” em qualquer situação. Assim sendo, percebemos pelas transcrições que esses elementos naturais são dotados de fortes sentimentos e diferentes sensações, levando-se em consideração os aspectos psicológicos de cada indivíduo.

Já as transcrições poéticas, trazem para nosso conhecimento, ou do ponto de vista empírico, contribuições imensas e diferentes perspectivas de análises. Os visitantes ao escreverem sobre os aspectos vividos no parque deixaram-nos registros das diferentes realidades percebidas em diferentes momentos, ou seja, aspectos subjetivos como objetivo da realidade tanto interior como exterior.

Quanto à terceira dimensão, no museu arqueológico é evidente o olhar da arqueóloga Claudia Inês Parellada sobre o parque no que tange os aspectos valorativos e de preservação das riquezas ali encontradas cujas impressões foram registradas de forma detalhada no livro de registros do parque durante os vários trabalhos de pesquisa ali desenvolvidos cujos objetos arqueológicos encontram-se no museu.

Já a última categoria se refere à riqueza de detalhes deixada no livro de registro pela bióloga Sandra Bos Mikich no que se refere às pesquisas desenvolvidas sobre a flora e a fauna do parque. Pesquisas essas de valor incalculável, tendo em vista a precisão da forma como foi registrada e servindo de bases para outras pesquisas no parque. É importante salientar que a percepção da mesma não foi somente como pesquisadora, em virtude do

longo período que vivenciou ela também interagiu com o parque passando a exercer certa afetividade no lugar por meio das suas experiências.

Para finalizar, gostaríamos de destacar, que toda essa pesquisa só foi possível ser realizada a partir das impressões deixadas pelos visitantes no livro de registro, porém, hoje não é mais possível encontrarmos esses detalhes tendo em vista que esse hábito foi abolido o livro de registro, hoje registra apenas a data, o nome do visitante e a cidade de origem.

Deixando ainda como sugestão a criação de um site onde os visitantes possam relatar suas percepções frente ao parque tendo em vista nosso contexto atual

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. Z. A. **Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana memórias, rugosidades e metamorfoses**: estudo Parque Urbanos 13 de Maio, Recife-Brasil e do Tiergarten, Berlim-Alemanha. Recife 2006.
- ALVES, Tereza Cristina Valverde Araujo. **Parques urbanos de Fortaleza-CE: espaço vivido e qualidade de vida**. 2012.
- BOVO, Marcos C; AMORIM Margarete C.C.T. análise e diagnósticos dos parques urbanos em Maringá (PR) Brasil. **Geo UERJ**, v. 13. 2011.
- CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife**. UFPE, 2000.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. WertherHolzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- KLIASS, Rosa Grena. **Parques urbanos de São Paulo**. Pini Editoria, 1993.
- LIMA, A. M. L. P.*et al.* Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: **Congresso Brasileiro de Arborização Urbana**, 2. São Luís. Anais. São Luís: Imprensa Emater/MA, 1994
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In. CHRISTOFOLETTI. A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, p. 103-141, 1982.
- MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. Edusp, 2010.
- MACHADO, Lucy. M. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. **Percepção ambiental: A experiência brasileira**. São Paulo: Nobel, p. 97-119, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIKICH, Sandra. B.; OLIVEIRA, K. L. DE. **Conhecendo o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo Fênix, Paraná, Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, Fundo Nacional do Meio Ambiente, 2004.

MIKICH, Sandra. B. Entrevista concedida em: 25/08/2016.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

PARELLADA, Claudia Inês. Análise da malha urbana de Villa Rica delEspirituSanto (1589-1632)/ Fênix-PR. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, USP, n.5, p.51-61. 1995.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. São Paulo, v.4, n.7, p. 1-25, abr.1979.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SCALISE, Walnyce. Parques Urbanos evolução, projeto, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, v. 4, n. 1, p. 17-24, 2002.

SPIRN, Anne Whiston. O jardim de granito. **São Paulo: EDUSP**, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.